

Elsa Tamez¹

***Medo e silêncio em tempos de guerra.
Releitura de Marcos***

*Fear and silence in times of war.
Rereading the Gospel of Mark*

Resumo

Neste artigo, a autora propõe uma releitura do Evangelho de Marcos a partir do contexto de guerra, dos sentimentos de angústia, do medo e do espanto como espelho de uma comunidade que, sob a dinâmica da guerra, enfrenta o temor a partir das limitações humanas. Um contexto no qual as mulheres e a comunidade estão aterrorizadas e paralisadas pela guerra e pelo conflito interno. Como saída para essa situação e também proposta de nova humanização, a autora apela para a Boa Nova de Jesus como um horizonte utópico que nos ajuda a compreender a dinâmica social atual.

Palavras-chave: Evangelho de Marcos; Guerra; Medo; Boa Nova.

Abstract

In the article the author proposes a rereading of the Gospel of Mark from the context of war, the feelings of anguish, fear, trembling are a mirror of a community that under the dynamics of war faces fear from human limitations. Where women and the community are terrified and paralyzed by the events of war and internal conflict. As a way out of this situation and as a proposal for a new humanization, the author appeals to the Good of Jesus as a utopian horizon that helps us to understand the current social dynamics

Keywords: Gospel of Mark; War; Fear; Good New.

Introdução

Em tempos de guerra ou de conflito armado, o que predomina entre a população é o medo e, por fim, o silêncio. Ninguém quer dizer nada a ninguém. Por isso, não deve nos surpreender o final do primeiro manuscrito que saiu da mão de Marcos.² As mulheres, tremendo de

¹ Parte deste artigo foi publicada em inglês (TAMEZ, 2011, p. 101-125).

² Há consenso em aceitar que os manuscritos traduzidos em nossas Bíblias apresentam outros finais acrescidos tardiamente. O primeiro manuscrito terminava em 16,8.

medo, não disseram nada a ninguém (16,8). Todo o evangelho é como um espelho colocado à frente da comunidade de Marcos que vive a guerra com medo. Talvez seja essa a razão pela qual Marcos desenha os últimos acontecimentos do movimento de Jesus, utilizando um pano de fundo de terror: o líder do movimento fora preso, torturado e crucificado. Um dos seus o havia traído (14,10-11.43-45); quando o prendem, os discípulos fogem (14,50); quando é condenado pelas autoridades judaicas, e esbofeteado por seus servos (14,64ss.), Pedro, acusado de pertencer ao movimento de Jesus, nega-o três vezes; e quando é torturado e crucificado, Jesus permanece completamente só, sente-se abandonado até por Deus (15,34); só as mulheres o veem de longe. As mulheres não podem apagar esse final desastroso de suas cabeças; frente à evidência do túmulo vazio, temem o desconhecido vestido de branco e não anunciam a boa notícia da ressurreição nem o plano de recomeçar na Galileia (16,7). Como as mulheres do movimento de Jesus, a comunidade de Marcos não está dizendo nada a ninguém, porque está cheia de medo e paralisada por conta da guerra e do conflito interno armado.

1. Medo e traição

Uma das razões do medo é a traição, ou seja, que as pessoas sejam denunciadas. No caso de Jesus, o medo é que alguma informação considerada subversiva chegue às autoridades locais judaicas, representadas pelos principais sacerdotes, os mestres da lei, os herodianos e os fariseus; e atinja às forças de ocupação, representadas pelo governador romano, o rei – nomeado pelo imperador – e as tropas. *Paradidomi* possui várias acepções: “entregar”, “transmitir”, “confiar”, “permitir”. O sentido que Marcos mais emprega é a de “entregar” para as autoridades. Percentualmente, é o evangelho que mais usa o termo nesse sentido.³ Das 19 vezes que aparece, só em duas ocasiões possui um significado neutro: permitir (4,29) e transmitir (7,13). Em todas as demais ocasiões, o sentido é negativo, no sentido de “entregar” para ser preso e condenado. Marcos também dedica várias passagens a Judas Iscariotes, como aquele discípulo que o entrega, trai-o. Nesse caso, podemos ver como sinônimos de “entregar” e “trair”. Marcos anuncia a traição logo no início, em 3,19, quando Judas é escolhido por Jesus como um de seus homens de confiança.

³ Mt 31 vezes, Mc 19, Lc 16 e Jo 15. Marcos é o evangelho mais curto entre todos.

A atmosfera de medo aparece desde o início do evangelho. Não é por acaso que o ministério de Jesus começa quando João, o Batista, é entregue (*paradothenai*), ou seja, encarcerado (1,14). Estamos, pois, em uma situação de completa insegurança. Ainda não chegamos ao segundo capítulo e Jesus já não pode andar com liberdade nos povoados, mas, ficava nas periferias, em lugares solitários (1,45), e logo, em 3,6, as forças internas, isto é, os fariseus, e externas, os herodianos, planejam matá-lo. À medida que a narrativa avança, as autoridades locais estão à espreita para acusá-lo (3,2), colocam armadilhas para que caia (8,11; 10,2; 12,13; 14,1), tentam prendê-lo (12,12; 14,1) e procuram matá-lo (3,6; 11,18; 14,1). Em Jerusalém, onde se concentra a oposição, Jesus somente se atreve a andar de dia. De noite, sai da cidade (11,19). Jesus deve andar com muita cautela, por isso, talvez, podemos suspeitar que Jesus tinha seus contatos em aldeias circunvizinhas e inclusive em Jerusalém. Esses contatos não são conhecidos nem sequer por seus discípulos mais próximos. Em duas ocasiões, dois discípulos são enviados sem conhecer a pessoa que Jesus deseja contatar. Em 11,1-6, a partir do monte das Oliveiras, Jesus diz a esses discípulos para irem até a aldeia (Betfagé ou Betânia) onde encontrarão um jumentinho amarrado; esse jumentinho já estava preparado de antemão. E, para a celebração da Páscoa, Jesus envia dois discípulos para a cidade. Seu contato é um homem e o sinal de identificação é um cântaro (14,13-16); esse homem era o único que sabia onde eles iam se reunir para a Páscoa; já tinha tudo pronto, como Jesus havia lhe falado. Marcos não nos diz quem eram esses contatos. Talvez tenham sido alguns pobres beneficiados pelas curas de Jesus ou algumas mulheres de sua confiança. Assim, pois, todo o ministério de Jesus a favor dos excluídos ocorre em uma atmosfera de insegurança, tanto para Jesus quanto para os seus seguidores (13,9-13).

Quando se tem medo, o silêncio impõe-se porque há necessidade de ser muito precavido. Porém, há silêncios estratégicos e outros de autocensura por medo. Os últimos devem ser revisados. Vejamos agora a recomendação de guardar silêncio.

Jesus, ao longo de sua prática em favor do reino de Deus, não quer se dar a conhecer pela segurança. Parece que a sua identidade de Messias e de filho de Deus (1,1) iria suscitar sérios conflitos entre as autoridades locais e estrangeiras. A compreensão tradicional de Messias, sabemos, era aquele que chegaria para libertar o povo de Israel do domínio dos opressores, neste caso, do império romano; o Messias

conquistaria o poder pelas armas e expulsaria as forças de ocupação. Uma compreensão desse tipo é fundamentalmente perigosa. Sobretudo no momento em que se escreve o evangelho, quando os insurgentes de diferentes tendências estão lutando contra as tropas romanas em Jerusalém (FLÁVIO JOSEFO, 1943). A partir de uma perspectiva política, ser Filho de Deus é um título usado pelo imperador e, a partir da perspectiva religiosa, é uma blasfêmia para as autoridades judaicas. O que não se sabe, até chegar à segunda parte do evangelho, é que Jesus compreende ambos os títulos de forma diferente, como veremos mais adiante. Visto que a identidade de Jesus e o conflito caminham juntos, Jesus prefere não chamar a atenção e retardar o máximo possível a revelação de sua identidade. Quando ele responde frente aos tribunais locais e imperiais e diz quem é, então será condenado à morte pela lei judaica (14,62) e romana (15,2.15). Tão logo divulgue a notícia do reino de Deus através de seus atos e ensinamentos, deve ocultar sua identidade para evitar a repressão prematura. A isto, tradicionalmente é chamado de “o segredo messiânico”, porém nós, ao localizar o texto em uma situação de conflito armado, vemos isto como uma estratégia de sobrevivência.

É muito curioso que os primeiros que Jesus manda calar sejam os demônios. Em 1,24, em seu primeiro ato de recuperação do ser humano, expulsa um demônio de um homem de Cafarnaum. O demônio o reconhece e grita em alta voz: “Eu sei quem és Tu: o Santo de Deus” (1,24). Jesus ordena que ele se cale e saia de sua vítima. Esses demônios (espíritos impuros) sabem que Jesus veio para destruí-los. Nesse mesmo dia, ao anoitecer, levam até ele enfermos e possuídos por demônios, o sumário termina assim: “e expulsou muitos demônios; porém não permitia aos demônios que falassem dele, porque o conheciam” (1,34). O mesmo ocorre no sumário de 3,7-12. Nesse momento, sua fama havia se estendido para a Galileia, Judeia, Idumeia, Tiro e Sidon, muitos enfermos chegavam para ser curados e os demônios das pessoas possuídas gritavam: “Tu és o Filho de Deus! Porém Jesus os repreendia severamente para que não divulgassem quem ele era” (3,11-12). Os espíritos maus são os primeiros a delatarem Jesus. Conhecem-no e o denunciam. São os “sapos” (informantes) diríamos na Colômbia. Não o aclamam para admirá-lo, como as pessoas curadas que não podem deixar de compartilhar sua nova condição, mas gritam sua identidade para delatá-lo. O último encontro com um possesso, o pior de todos, foi em Gadara (5,1-20). Crê-se que o relato alude simbolicamente às

tropas romanas. Seu nome “Legião”⁴ é preciso nessa indicação. Essa legião de demônios reconhece a autoridade de Jesus, pois se joga aos seus pés e o reconhece: Jesus, Filho do Deus Altíssimo!⁵ Eles estão em uma região gentílica e, Jesus, nessa região, não manda calar nem o demônio Legião nem a pessoa libertada do demônio. Em vez disso, à pessoa libertada diz que vá e conte o que o Senhor fizera a ela. Pode parecer que essa região não fosse muito perigosa. Aqui temos os dois títulos usados pelo imperador, ou seja, Filho de Deus (5,9) e Senhor (5,7). Jesus se apropria deles porque ele é o verdadeiro Filho de Deus e Senhor e não o imperador. Por isso, ao final, justamente depois que Jesus morre na cruz, um centurião, ou seja, um dos chefes de uma das legiões romanas, deve dar o reconhecimento a Jesus como Filho de Deus (15,39) e não ao imperador.

Porém, Jesus não pode ocultar sua identidade por muito tempo. Os discípulos, por intermédio de Pedro, a descobrirão na metade da narrativa, quando ele perguntou (8,29). Jesus manda dizer aos seus discípulos que não digam nada a ninguém sobre ele (8,30); a mesma coisa ele pede quando experimentam a presença de Elias e de Moisés no monte e ouvem a voz de Deus que confirma a identidade do Filho de Deus (9,7ss.).

Porém, anteriormente, logo no início da narrativa, Jesus pede às pessoas que se aproximam e recebem cura, que não o digam. Em 1,43, depois de curar um leproso, diz a ele em tom severo que não conte a ninguém: “Olhe, não conte nada para ninguém” (1,44). O problema é que uma notícia tão comovedora como a cura de um leproso é impossível de se guardar. As pessoas renovadas não podem deixar de compartilhar seu testemunho; e ainda que não o proclamasse, seu corpo são denunciaria a Jesus como o Salvador esperado. Assim, essa pessoa, enquanto ia embora, começou a proclamar abertamente o que havia ocorrido, a notícia se espalhou, e Jesus perdeu a liberdade de andar em lugares povoados (1,45). Mais tarde, tanta era a sua popularidade que nem sequer em Tiro, uma região gentílica, ele passou despercebido (7,24). Porque, por mais que pedisse que não dissessem nada a ninguém, mais o diziam, como aqueles que estavam presentes quando

⁴ A legião romana geralmente era dividida em 10 coortes de seis centúrias, o que equivale a uma força legionária de 6.000 homens (WATSON, 1969, p. 22).

⁵ Jesus lança a legião de demônios ao mar, encarnados em porcos. Para Myers, esse é um ato simbólico de libertação que alude ao Êxodo, quando os egípcios que perseguiam aos hebreus caem no mar e se afogam, como os porcos (CHED, 1992, p. 502).

ele curou uma pessoa surda e muda (7,36). Porém, essas pessoas não são como os demônios que o delatam gritando seu nome, elas simplesmente contam as maravilhas do que acontecera com elas. Esses fatos geram reações diferentes: enquanto há pessoas que o procuram para serem curadas ou limpas de demônios, outras, as autoridades, o procuram para prendê-lo. Os atos de Jesus, mais do que suas palavras, falam de sua identidade. Por isso, pouco antes de que fosse revelada sua identidade como Messias no interior de seu movimento e de que se anunciasse sua paixão, apresentam a ele, em Betsaida, um camponês cego para que recuperasse sua visão, Jesus o leva para fora da aldeia, cura-o, e diz a ele que retorne para a sua casa e nem sequer entre na aldeia (8,26).

Por que a hostilidade frente a alguém que somente faz o bem? Isso acontece porque Jesus não está de acordo com a forma pela qual as autoridades e as elites, especialmente as do templo-Estado em Jerusalém, administram o poder, oprimem e se aproveitam dos demais, especialmente dos mais pobres. Suas leis religiosas marginalizam os oprimidos; daí haver tantas controvérsias com os mestres da lei, os fariseus e os herodianos. Jesus quer uma renovação profunda de seu povo. As ações de Jesus, embora não se proponha, são provocativas, ou seja, curar no sábado, recolher espigas no sábado, não seguir as regras de pureza e impureza, andar com pessoas de má reputação. Jesus chama de hipócritas aqueles que seguem uma religiosidade totalmente desvinculada da prática, e não só isso, mas em prejuízo das viúvas (12,40) e da família (7,11ss.); tudo pelo dinheiro. Jesus perde a paciência em Jerusalém e abertamente derruba as mesas dos cambistas (11,15-19), fonte de riqueza do templo tomada dos peregrinos que vinham fazer o câmbio para comprar animais e oferecer sacrifícios. Podia agir dessa forma porque a sua sorte já havia sido lançada, sabia que a qualquer momento iriam prendê-lo. Talvez já suspeitasse da traição de um dos seus que, também por dinheiro, uma recompensa de 30 peças de prata, iria entregá-lo nada mais do que com o sinal de um beijo. Essa é uma das degradações humanas mais tristes, passar informação atentando contra a vida de outras pessoas inocentes, por dinheiro, inveja ou vingança.

No entanto, há coisas que não podem ser caladas, como o fato de que o crucificado, foi sepultado e que não se encontra mais no túmulo, mas vive e espera na Galileia pelos seus que resistiram à onda de repressão. A comunidade de Marcos necessita saber que o ressuscitado os

espera para voltar a fazer o caminho com toda confiança e sem medo. A comunidade não pode permanecer calada e de braços cruzados. Haja vista o exemplo contrário das mulheres que acabavam de presenciar a crucificação, conheciam a história completa de Jesus e sabiam que a mensagem da ressurreição fora proclamada em muitas comunidades de fé na Palestina e em muitas províncias do império.

2. Seguir Jesus em tempos de guerra e de conflito

Marcos mostra, pela sua releitura das ações de Jesus, que a guerra entre nações e os conflitos armados internos somente levam à degradação humana, pelo menos nesses contextos para não ser absolutista. Essas situações limites são terreno fértil para despertar, ainda mais, os apetites de poder, avareza e vingança. As guerras nascem pelo pecado das injustiças cometidas pelos mais fortes e poderosos contra os mais vulneráveis. A reação armada na luta pela justiça, ao entrar na lógica do militarismo e da necessidade de matar o outro, facilmente cai nos mesmos vícios. Violência contra violência, gera mais violência e mais vítimas. Por isso, o Jesus de Marcos refuta a guerra e a luta armada, e propõe uma alternativa de renovação humana pelas práticas de justiça, de cura de feridas e de purificação de espíritos maus. O evangelho, por intermédio do procedimento de Jesus, não mostra mais do que ações em benefício de uma forma mais humana de relacionamento. Se os descontentes entre os camponeses, sindicatos, estudantes, mulheres etc., por causa das injustiças que se cometem contra eles dão origem aos conflitos, o que se necessita é o respeito para com esses setores, o qual somente acontece atendendo às suas reivindicações e limitando a avareza dos poderosos. Há uma diferença muito grande entre os acampamentos das legiões romanas frente aos seus comandantes e os “acampamentos” de famintos de pão e esperança perante Jesus. Os primeiros recebiam moedas para matar, os segundos recebiam pedaços de pão e de peixe para sobreviver (6,33-44; 8,1-10).

O relatório das Nações Unidas a respeito do conflito armado na Colômbia (ONU, 2003) e o Evangelho de Marcos coincidem nessas duas coisas, ou seja, a degradação da guerra e, como alternativa de saída, o desenvolvimento humano.

Em Marcos, observa-se a recusa à guerra pela opção de Jesus ao escolher o caminho da cruz. Isto pode soar patético e injusto, porém carrega uma profunda revolução, onde o perdão e a mudança radical

na atitude e na prática humana são capazes de acabar com a espiral da violência. Como disse Myers “em um mundo regido pela lógica do militarismo, a luta armada se torna contra-revolucionária” (CHED, 1992, p. 453).

É difícil de entender a proposta de Marcos, por isso é notável que os três anúncios da Paixão tenham como referência a cura de um cego no início (8,22-25) e no final (10.46-52); os discípulos e nós, hoje em dia, precisamos discernir bem essa situação, necessitamos ser curados de nossa cegueira para podermos prosseguir no caminho do movimento de Jesus em meio à perseguição, como o fez Bartimeu, quando recuperou a visão (10,52).

Necessitamos ver com clareza o que ocorre para saber como agir; também precisamos enxergar as coisas de forma diferente. Às vezes, não compreendemos, acontece conosco o mesmo que ocorreu com Pedro. Ele reconhece que Jesus é o Messias, porém seu conceito de Messias nacionalista que triunfa com as armas sobre o império opressor, não coincide com o conceito de Jesus, um Messias sofredor que será crucificado pelo império, porém que ressuscitará ao terceiro dia.

Filho de ser Humano é o título que Jesus prefere para si. Ele não acolhe com agrado o título de rei, nem o de Messias clássico, mas, sim, o de Filho de ser Humano, o fundador e precursor de uma nova maneira de ser humano (MATEOS, 1987); a esse Filho de ser Humano Deus acolhe como Filho, porque é o rosto humano de Deus. Há divindade nessa forma de ser humano, talvez por isso as comunidades chamassem os cristãos de filhos e filhas de Deus. Podemos obter instruções de como viver em meio à guerra. O Jesus de Marcos oferece várias propostas à medida que vai esclarecendo aos seus seguidores a sua missão sofredora como Filho de ser humano. São como slogans que é necessário assumir em meio à perseguição e ao medo que produz o conflito. Fundamentalmente, recomenda não fugir, ou seja, não dar as costas ao conflito como se ele não existisse. É preciso proteger a vida, sim, é possível ir ao exílio, mudar de lugar, porém, não é possível ignorar essa realidade concreta, porque isso cria trivialização dos horrores de um conflito armado que, às vezes, dura mais de meio século. Recomenda-se também estar atentos e vigilantes, calar estrategicamente, não expor a vida frente a tanto informante, porém há momentos em que não se pode calar, do contrário, a impunidade se torna a norma. Jesus, por um tempo, ocultou sua identidade, porém ao mesmo tempo comportou-se coerentemente quando a necessidade o requeria, por exemplo, curar

alguém, mesmo num dia proibido pela lei. Há momentos em que é impossível calar, por exemplo, frente aos genocídios perpetrados por paramilitares, sequestros realizados pela guerrilha, falsos subversivos assassinados por membros do exército oficial, ou mentiras ditas pelo governo. Assim como Jesus indignou-se com os cambistas que estavam no templo, do mesmo modo devemos nos indignar frente às atrocidades do conflito. A recomendação é estar ciente, não fugir por medo, mas, resistir sem se deixar esmagar, protestando por intermédio de uma prática a favor de uma nova humanidade onde não haja mais descontentes por causa das injustiças. Para Marcos, isso significa ir em busca do ressuscitado na Galileia (16,6-7) e recomeçar o caminho. A esperança por trás de tudo é que o crucificado foi ressuscitado por Deus.

Para seguir o caminho que Jesus abriu em prol de uma nova forma de ser comunidade, há três princípios fundamentais que devem nos guiar: 1) os que triunfam são os que perdem, 2) os últimos serão os primeiros e 3) aqueles que mandam são os que estão a serviço dos demais. Cada um deles aparece depois de cada anúncio da Paixão.

1. Os que triunfam são os que perdem

Quando Jesus afirma que aquele que desejar salvar a vida a perde, significa que não se pode ganhar quando se mata. A pessoa se degrada e perde sua qualidade de ser humano, porque ao matar o outro mata a si mesmo. Uma guerra ou um conflito armado é um suicídio coletivo (HINKELAMMERT, 1997).

Esquecer-se de si mesmo implica esquecer-se dos interesses próprios e assumir os interesses da causa do reino de Deus. No caso de uma releitura a partir do conflito degradado, como na Colômbia e em outros países, implica não delatar ou entregar o vizinho ou o amigo ou qualquer pessoa desconhecida inocente, para salvar a vida ou para conseguir benefícios ou recompensas. Os militares, oficiais, guerrilheiros ou paramilitares que mataram civis para apresentar resultados positivos em combate poderiam viver tranquilos? Se é assim, perderam a vida. Marcos escreve: “Pois, de que serve a uma pessoa ganhar o mundo inteiro e perder a própria vida? Pois o que uma pessoa daria em troca da própria vida?” (8,36ss.). Com essas palavras, o que ele está dizendo é que não se coloca preço na vida. É um dom valioso de Deus que se deve conservar como um tesouro, não há nada que possa comprá-la. Em uma guerra degradada todos perdem a vida ao querer salvá-la. Porque quem ganha com as armas ou ações sujas, perde. Jesus, insis-

timos, mostra outro caminho, o de humanizar a humanidade curando as feridas físicas e sociais e exorcizando os demônios do militarismo e dos que delatam.

II. Os últimos serão os primeiros

Os últimos serão os primeiros é o slogan que ocorre no início e no final do segundo anúncio da Paixão.

Na sociedade do primeiro século e nas atuais os primeiros são os mais importantes, aqueles que têm poder, prestígio, nobreza e, em termos militares, mais e melhores armas. Estes são os que ocupam os primeiros lugares. Os discípulos ou comunidades cristãs não estão isentos de pensar dessa forma. Com efeito, os discípulos por duas vezes discutem entre si, buscando o poder e ser importantes (9,34; 10,35-37) mesmo dentro do reinado de Deus. Jesus ensina a eles outra forma de pensar e de agir oposta à estabelecida: aquele que busca os primeiros lugares, precisa se colocar no último lugar e não querer ser servido, mas, servir (9,35; 10,43-45).

Jesus ilustra seu ponto de vista com os membros mais vulneráveis e marginalizados daquela sociedade, as crianças (9,36s.; 10,13-16). Ele toma as crianças em seus braços e se identifica com elas. Receber uma criança é como acolher não somente a Jesus, mas ao próprio Deus. Essa é uma das pautas no seguimento de Jesus: servir a partir dos mais vulneráveis. Em tempos de guerra, as crianças, as mulheres, os anciãos, as pessoas portadoras de necessidades especiais e os pobres eram os que mais sofriam as consequências. Protegê-los é a maneira natural de servir a Deus.

Entre essas duas alusões pela opção pelos últimos, que aparecem no início e no final do segundo anúncio, encontramos dois ensinamentos extremamente importantes que temos de levar em consideração: recusar o protagonismo exclusivo (9,38-41) e condenar a quem induz a pecar contra uma pessoa inocente (9,42,50).

Para Jesus, seus seguidores devem entender que pode existir outros grupos que seguem os mesmos valores do Reino, ainda que não pertençam ao movimento. Na narrativa, os discípulos se incomodam porque outros grupos expulsam demônios em nome de Jesus. Eles querem ser os únicos. Jesus mostra a eles seu equívoco: “quem não está contra nós, está a nosso favor” (9,40s.). Com isso, deduzimos que a comunidade cristã deve se abrir e se alegrar quando outras comunidades coincidem na prática e na visão. Se o expulsar demônios significa

refutar a guerra e expulsar os espíritos maus dos informantes, todas as pessoas que sofrem a violência devem se alegrar, sem se importar de que grupo ou tendências são aqueles que expulsam os demônios.

Jesus é duro contra aqueles que induzem seus pequeninos a pecar ou a tropeçar e, por isso, anuncia a eles um final horrendo. Em uma situação de guerra, há muitas coisas que induzem a pecar, por exemplo, a fome, produzida pelas injustiças sociais, ou a avareza por corações contaminados. Em termos militares, aqueles que induzem a pecar são os chefes das forças armadas, sejam oficiais ou não oficiais; os camponeses analfabetos são induzidos a matar por causas que nem sequer assumem. As ofertas de recompensas são, também, outra causa que leva a pecar, delatando pessoas para serem entregues às autoridades. Por isso, nessa segunda seção do segundo anúncio, Jesus fala da necessidade de purificação profunda (COOK & FOULKES, 1990, p. 243) e de buscar a paz: “Tenham sal em vós mesmos e vivei em paz uns com os outros!”.

No final, Marcos menciona o tema das recompensas. Os discípulos deixaram tudo, diferente de um jovem rico que era muito bom em questões religiosas, porém não foi capaz de dar sua riqueza aos últimos, aos pobres (10,17-22). Os discípulos terão sua recompensa por terem deixado tudo e seguido a causa de Jesus. Com isso, Marcos quer mostrar que aqueles que entregam sua vida inteira pela causa do Reino são aqueles que terão as verdadeiras recompensas por parte de Deus. Não recompensas por matar, ou trair, mas, recompensas por dar a vida pela causa do reino. Estes, que são os últimos, serão os primeiros (10,29-31).

III. Aquele que manda é o que serve (10,32-45)

Neste terceiro anúncio, Jesus explica como o Filho do Ser Humano vai ser entregue às autoridades locais e às forças de ocupação, e como vão torturá-lo, porém, vai ressuscitar no terceiro dirá. A intervenção de dois discípulos muito próximos a Jesus não se conecta com o anúncio dos sofrimentos, ao contrário, coloca-se em lado oposto: a luta pelo poder (35-37). Outra vez, neste terceiro anúncio, Marcos dá orientação de como a comunidade cristã deve se comportar. Tiago e João buscam honra e poder ao lado de Jesus na parusia. Jesus, ao contrário, faz que eles voltem ao caminho da resistência dolorosa e ensina a eles outra maneira de conceber o poder. A busca do poder e da glória concebida tradicionalmente como privilégio e domínio desata lutas pelo poder e inveja (10,41).

O poder dos governantes e dos “grandes” é descrito por Jesus como tirano e déspota (10,42). As duas palavras gregas (*katakuriuousin* e *kateksousiatsousin*) aludem a esse domínio excessivo. Esse é o tipo de poder que estamos experimentando hoje em muitas sociedades. Fala-se de democracia, porém, na prática, há um autoritarismo evidente. Jesus desautoriza essa forma de governo,⁶ pois, não se relaciona com a maneira pela qual se lidera no reinado de Deus. “Entre vocês não deve ser assim” (10,43) é uma frase contundente. Se há alguém que deseja ser grande e importante, somente pode chegar a sê-lo servindo aos demais (10,43s.). Essa é a forma em que a nova humanidade inaugurada pelo Filho de Ser Humano, se manifesta. Seu exemplo foi o de servir até dar a própria vida; não veio para ser servido, mas para pagar com sua vida a liberdade de todos, tanto a dos sequestrados pelo pecado da guerra, quanto pelo pecado da avareza.

Em resumo, Marcos defende a vida humana contra a violência e a traição, porque a guerra sem sentido e degradada, que mata e busca interesses próprios, vai contra a própria natureza do ser humano. Existe aqui uma aposta à humanidade plena que, ao se viver sob o horizonte do reinado de Deus, e orientados pelos três princípios, não dá lugar às injustiças, às explorações e à falta de respeito às culturas que provocam descontentes contra os líderes responsáveis.

Referências

- BRAVO GALLARDO, C. **Jesús, hombre en conflicto**. El relato de Marcos en América Latina. Santander: Sal Terrae, 1986.
- CHED, M. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1992.
- COOK y FOULKES. **Marcos, Comentario bíblico Hispanoamericano**. Miami: Caribe, 1990.
- FLAVIO JOSEFO. **Historia de las guerras de los judíos I y II**. Buenos Aires: Alabastros, 1943.
- FOCANT, Camille. **L'évangile selon Marc**. París: Cerf, 2004.
- FREYNE, S. **A Galiléia, Jesus e os Evangelhos**. São Paulo: Loyola, 1996.

⁶ Quando se refere a esse tipo de governantes utiliza-se o particípio *oi dokountes* – “os que parecem governar” – ou seja, aqueles que se creem governantes. Com isso, Jesus está desautorizando totalmente esse conceito tradicional, que não se relaciona com a forma pela qual se governa no reinado de Deus.

- HINKELAMMERT, F. **El asesinato es un suicidio**: De la utilidad de la limitación del cálculo a la utilidad. San José: Pasos, 1997.
- HORSLEY, Richard A. **Jesús y el Imperio**. El Reino de Dios y el nuevo desorden mundial, Estella: Verbo Divino, 2003.
- _____. y Hanson, J. **Bandits, Prophets and Messiahs**: Popular Movements in the Time of Jesus, Winston: Minneapolis, 1985.
- KINGSBURY, Jack Dean. **Conflicto en Marcos**. Jesús, autoridades, discípulos. Córdoba: El Almendro, 1989.
- MATEOS, J. **Marcos 13. El grupo cristiano en la historia**. Madrid: Cristianidad, 1987.
- NN.UU. **El conflicto, callejón con salida**. Entender para cambiar las raíces locales del conflicto. Informe Nacional del Desarrollo Humano para Colombia – 2003. Bogotá: UNDP, 2003.
- TÁCITO, Cayo Cornelio. **Anales**. México: Porrúa, 1991.
- TAMEZ, E. **The Conflict in Mark**. A Reading from the Armed Conflict in Colombia. En T. O. Nicole Wilkinson, Mark. Texts and Contexts. Minneapolis: Fortress Press, 2011.
- THEISSEN, Gerd. **La redacción de los evangelios y la política eclesial**, Estella: Verbo Divino, 2002.
- VENA, Osvaldo, D. **Evangelio de Marcos**. Miami: SBU, 2008.
- WATSON, G. **The Roman Soldier**. New York: Cronell University Press, 1969.

Traduzido por Luiz Alexandre Rossi